

ENTRE PERCURSOS E CONHECIMENTOS: EXU, A ENCRUZILHADA E A DECOLONIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO¹

BETWEEN PATHS AND KNOWLEDGE: EXU, THE CROSSROADS, AND THE DECOLONIZATION OF INFORMATION


ENTRE CAMINOS Y SABERES: EXU, LA ENCRUCIJADA Y LA DESCOLONIZACIÓN DE LA INFORMACIÓN

Bruno Almeida dos Santos²
Nídia Maria Lienert Lubisco³
Jean Fernandes Brito⁴

Submetido em: 03/03/2026

Aprovado em: 15/03/2026

Publicado em: 22/03/2026

Artigo submetido ao sistema de similaridade  turnitin

¹Texto ampliado a partir do trabalho completo submetido, avaliado, aprovado, apresentado e premiado no XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), em 2025.

² Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: bruno.bas18@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8735-3321>.

³ Doutora em Documentação pela Universidad Carlos III de Madrid (UC3M). E-mail: nidialubisco@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5008-8878>.

⁴ Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). E-mail: jjeanfernandes@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9258-8205>.

Resumo: Este artigo, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, fundamenta-se em revisão bibliográfica orientada por perspectivas decoloniais e tem como propósito analisar de que maneira a metáfora da encruzilhada, articulada à figura de Exu, orixá das cosmologias afro-brasileiras, pode contribuir para a formulação de uma epistemologia da informação mais plural, inclusiva e sensível à diversidade de matrizes de conhecimento. Argumenta-se que a noção de "Exuzilhada" tensiona os referenciais hegemônicos da Ciência da Informação ao ampliar os entendimentos de fonte, mediação e ambiente informacional, reconhecendo como legítimos os saberes produzidos em contextos afro-brasileiros, indígenas e periféricos, historicamente silenciados pela racionalidade colonial. Os resultados evidenciam que a incorporação dessas epistemologias favorece o deslocamento de uma lógica monocultural do saber, promovendo decolonização dos saberes, justiça cognitiva e reconfigurando os horizontes teórico-metodológicos do campo. Conclui-se que assumir a encruzilhada como espaço simbólico de travessia, negociação e criação constitui um gesto epistemopolítico fundamental para a construção de uma Ciência da Informação comprometida com a diversidade epistêmica e com a inclusão de múltiplas vozes no ecossistema informacional.

Palavras-Chave: Informação; Epistemologia da Informação; Decolonização da Informação; Exu; Encruzilhada.

Abstract: *This qualitative and exploratory article is based on a literature review guided by decolonial perspectives and aims to analyze how the metaphor of the crossroads, articulated with the figure of Exu, an orixá of Afro-Brazilian cosmologies, can contribute to the formulation of a more plural, inclusive, and sensitive epistemology of information, respecting the diversity of knowledge matrices. It argues that the notion of "Exu Crossroads" challenges the hegemonic frameworks of Information Science by broadening the understandings of source, mediation, and informational environment, recognizing as legitimate the knowledge produced in Afro-Brazilian, Indigenous, and peripheral contexts, historically silenced by colonial rationality. The results show that the incorporation of these epistemologies favors the displacement of a monocultural logic of knowledge, promoting the decolonization of knowledge, cognitive justice, and reconfiguring the theoretical and methodological horizons of the field. It can be concluded that assuming the crossroads as a symbolic space of crossing, negotiation, and creation constitutes a fundamental epistemopolitical gesture for the construction of an Information Science committed to epistemic diversity and the inclusion of multiple voices in the informational ecosystem.*

Keywords: Information; Epistemology of Information; Decolonization of Information; Exu; Crossroads.

Resumen: *Este artículo cualitativo y exploratorio se basa en una revisión bibliográfica guiada por perspectivas decoloniales y busca analizar cómo la metáfora de la encrucijada, articulada con la figura de Exu, un orixá de las cosmologías afrobrasileñas, puede contribuir a la formulación de una*

epistemología de la información más plural, inclusiva y sensible, respetando la diversidad de matrices de conocimiento. Argumenta que la noción de "Encrucijada de Exu" desafía los marcos hegemónicos de la Ciencia de la Información al ampliar la comprensión de la fuente, la mediación y el entorno informativo, reconociendo como legítimo el conocimiento producido en contextos afrobrasileños, indígenas y periféricos, históricamente silenciados por la racionalidad colonial. Los resultados muestran que la incorporación de estas epistemologías favorece el desplazamiento de una lógica monocultural del conocimiento, promoviendo la descolonización del conocimiento, la justicia cognitiva y reconfigurando los horizontes teóricos y metodológicos del campo. Se puede concluir que asumir la encrucijada como espacio simbólico de cruce, negociación y creación constituye un gesto epistemopolítico fundamental para la construcción de una Ciencia de la Información comprometida con la diversidad epistémica y la inclusión de múltiples voces en el ecosistema informacional.

Palabras clave: Información; Epistemología de la Información; Descolonización de la Información; Exu; Encrucijadas

1 INTRODUÇÃO

A informação é um elemento estruturante na atual Sociedade do Conhecimento. Ela organiza práticas, regula relações, preserva memórias e projeta futuros. No entanto, as formas de pensar, classificar e legitimar a informação têm sido historicamente moldadas por uma racionalidade ocidental e eurocentrada, que impôs critérios restritivos de validação do saber, muitas vezes invisibilizando epistemologias oriundas de povos indígenas, afrodescendentes e de outras comunidades periféricas. Embora se constitua como um campo interdisciplinar, a Ciência da Informação ainda opera majoritariamente sob os parâmetros coloniais que a originaram, o que limita sua capacidade de compreender a complexidade dos fluxos informacionais em contextos diversos.

O presente artigo desenvolve uma perspectiva decolonial da informação, tomando a metáfora da encruzilhada e a figura de Exu como eixos teórico-metodológicos estruturantes. A encruzilhada é

compreendida como espaço de encontro, tensão e transformação de saberes, no qual diferentes matrizes epistemológicas coexistem e se reconfiguram. Exu, enquanto mediador entre mundos, linguagens e regimes de conhecimento, tensiona a racionalidade binária que sustenta a modernidade ocidental, abrindo caminho para lógicas plurais, relacionais e dinâmicas. A noção de “Exuzilhada” emerge, nesse contexto, como categoria ampliadora dos entendimentos de fonte e ambiente informacional, ao reconhecer e legitimar saberes historicamente subalternizados. O estudo, assim, valoriza terreiros, feiras, quilombos e rodas de conversa como unidades informacionais e afirma a legitimidade das epistemologias afro-brasileiras, indígenas e populares no campo da Ciência da Informação.

Nesse sentido, o objetivo central consiste em investigar de que maneira a metáfora da encruzilhada e a figura de Exu podem contribuir para a construção de uma epistemologia informacional mais plural, situada e inclusiva. Busca-se analisar como tais referências simbólicas e cosmológicas tensionam conceitos clássicos da área, como fonte e ambiente informacional, propondo a reconfiguração das categorias analíticas e das práticas que estruturam o campo, em direção a horizontes orientados pela diversidade epistemológica e pela justiça cognitiva.

Dessa maneira, a pesquisa se insere no esforço mais amplo de repensar a Ciência da Informação à luz das epistemologias do sul, entendendo que o conhecimento não é neutro, tampouco universal. Ele é situado, relacional e atravessado por dinâmicas de poder. Assumir essa perspectiva é também um gesto político e ético: trata-se de escutar o que foi silenciado, de legitimar o que foi desautorizado

e de construir uma Ciência da Informação mais comprometida com a justiça cognitiva, com a diversidade epistêmica e com os modos de saber e existir dos povos historicamente marginalizados.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa inscreve-se no âmbito das abordagens qualitativas, assumindo caráter exploratório e fundamentação teórico-epistemológica. Trata-se de um estudo de natureza eminentemente teórica, desenvolvido por meio de revisão bibliográfica analítica e interpretativa, com ênfase em autoras e autores que dialogam com a Ciência da Informação e com as epistemologias decoloniais.

O *corpus* teórico foi constituído a partir de produções que problematizam os conceitos de fontes e ambientes informacionais, bem como de contribuições de pensadoras e pensadores negros, ameríndios e decoloniais que discutem categorias como racismo epistêmico, justiça cognitiva, interseccionalidade e oralidade.

Do ponto de vista analítico, adota-se uma abordagem hermenêutica, compreendida como movimento interpretativo de construção de sentidos a partir da interlocução entre conceitos e contextos. A metáfora da encruzilhada é mobilizada como constructo analítico e operador teórico, possibilitando questionar os modos hegemônicos de produção, organização, mediação e circulação da informação. Nesse horizonte, a encruzilhada não é tomada apenas como figura simbólica, mas como categoria crítica que permite reconhecer a pluralidade de saberes, fontes não tradicionais, espaços

não institucionalizados e mediadores diversos no campo informacional.

A análise desenvolve-se por meio da articulação conceitual entre Exu, encruzilhada, informação e decolonização, estabelecendo um diálogo crítico com autoras e autores das epistemologias decoloniais.

3 TUDO INFORMA: DESLOCAMENTOS NAS CONCEPÇÕES DE FONTE DE INFORMAÇÃO

Pensar a informação a partir da encruzilhada implica tensionar a própria noção de fonte informacional. No campo da Ciência da Informação, é recorrente a compreensão de fontes como documentos e registros formalmente organizados, vinculados a suportes materiais e a sistemas institucionais de validação. Essa perspectiva, de base técnico-instrumental e fortemente marcada por matrizes eurocentradas, ainda orienta manuais, normas e políticas de organização da informação. Contudo, a metáfora da encruzilhada convoca uma inflexão conceitual: a fonte não se limita ao que está escrito, arquivado ou institucionalmente reconhecido. Ela abrange também experiências vividas, saberes orais, memórias corporais e manifestações culturais. Nesse horizonte, o que é cantado, dançado, narrado, performado ou rememorado também informa.

Já em perspectiva ampliada, Cunha (2001) propõe compreender as fontes para além do documento escrito, incluindo objetos, práticas, experiências e pessoas como instâncias legítimas de produção e circulação de saber. De modo convergente, Le Coadic (2004) destaca que a informação se manifesta em diferentes suportes — escritos, orais e audiovisuais —, indicando que ela se expressa em múltiplas linguagens e contextos, nem sempre fixados em materialidades

tangíveis. Para Alves e Santos (2018), fonte pode ser qualquer elemento capaz de fornecer dados e conhecimentos a quem busca compreender, interpretar ou criar algo, o que engloba desde livros e bases de dados até redes de pessoas, práticas rituais, mídias digitais e performances culturais.

Como afirma Rufino (2019), os saberes são como orixás: montam nos corpos, nas vozes, nas danças e nas memórias, reinventando a vida como possibilidade. Nessa perspectiva, a fonte deixa de ser apenas objeto estático e passa a ser relacional, situada, ancestral e atravessada por experiências históricas e culturais que desafiam os regimes hegemônicos de validação do conhecimento.

A diversidade de fontes de informação é ampla, abrangendo inscrições rupestres, quipos, provérbios, receitas caseiras, discursos orais, memes, álbuns de fotos, podcasts, grafites, as pessoas e até os animais. Nego Bispo (Santos, 2023) mostra como é possível prever informações a partir da escuta atenta do ambiente, relatando que, ao acordar com o canto dos pássaros, sabia se o dia teria sol, chuva ou céu nublado. Esse reconhecimento não nega as categorias tradicionais de fontes, mas propõe ampliá-las, incluindo critérios simbólicos, afetivos, territoriais e ancestrais, que considerem as práticas informacionais de contextos populares e periféricos (Santos, 2023).

A encruzilhada, nesse sentido, exige que consideremos como fonte de informação tudo aquilo que responde a uma necessidade informacional situada, mesmo que não se enquadre nas formas institucionais. O que move essa concepção é o princípio da escuta, da abertura e da convivência entre diferentes modos de produzir e comunicar saber. Exu, senhor da palavra e do movimento, nos lembra

que a fonte pode ser a própria dúvida, o improviso, o riso, o gesto. Informar, nesse fluxo, é também afetar e ser afetado.

Assim, reconhecer a pluralidade das fontes é um gesto decolonial, pois rompe com o epistemicídio praticado pela ciência moderna, que elegeu alguns saberes como legítimos e outros como folclóricos, místicos ou irrelevantes. Ao reinscrever na centralidade do campo informacional as fontes de origem negra, indígena, popular e periférica, ampliam-se as possibilidades de uma Ciência da Informação que se faça, de fato, plural, viva e comprometida com a justiça cognitiva.

Por fim, vale lembrar que tudo que informa é também um convite a que os profissionais da informação bibliotecárias, arquivistas, educadoras, pesquisadoras exercitem um olhar sensível e aberto para os múltiplos territórios do saber. O campo informacional precisa reaprender a escutar as ruas, os terreiros, os quilombos, os centros culturais, as aldeias, os grupos de *WhatsApp*, as feiras livres e as rodas de conversa como espaços de legitimação da informação. Porque na encruzilhada do saber, o mundo inteiro fala.

4 AS UNIDADES DE INFORMAÇÃO ENQUANTO TERRITÓRIOS DE SABERES

Unidades de Informação (UI) ou Instituições Documentais (ID) são organizações que coletam, organizam, preservam e difundem conteúdos e recursos voltados à criação do conhecimento e à resposta às necessidades informacionais de indivíduos ou grupos. Incluem bibliotecas, arquivos, museus, memoriais, centros e sistemas de informação, entre outros. Esses ambientes informacionais devem

acolher, organizar e disponibilizar a informação, oferecendo fontes, recursos e serviços que atendam às demandas dos usuários.

Vieira e Ardigo (2015) lembram que o termo UI teve a sua criação na França e estava relacionado com as áreas de atuação dos profissionais da informação. Para Pompeu (1976, p. 8), “Centros ou unidades de informação são organizações [...], que utilizam os métodos e processos denominados de sistemas de informação, para produzir diversos tipos de serviços apresentados sob formas variadas”.

De acordo com Tarapanoff, Araújo Júnior e Cormier (2000), as unidades de informação (bibliotecas, centros e sistemas de informação e de documentos) são organizações sociais sem fins lucrativos que prestam serviços à sociedade de forma tangível (produtos impressos) ou intangível (serviços personalizados, presenciais ou virtuais).

Silveira e Moura (2010) conceituam as unidades de informação como instituições voltadas para a aquisição, armazenamento e disseminação de informações, podendo ser bibliotecas, centros e sistemas de informação e documentação.

As unidades de informação têm como principais finalidades atender às necessidades dos interagentes e garantir acesso rápido e qualificado à informação. Apesar das classificações tradicionais ainda prevalecerem, autores como Moreiro (1998) propõem tipologias baseadas no tipo de documento e no perfil do público. Para Zaninelli *et al.* (2022), essas unidades, sejam físicas ou digitais, com ou sem fins lucrativos, cumprem funções sociais, culturais e educativas, refletindo a diversidade de contextos em que atuam.

Nesse sentido, com a evolução dos processos informacionais e a ampliação das formas de produzir, acessar e mediar o conhecimento, torna-se necessário repensar o que configura uma unidade de informação.

Ribas e Ziviani (2007) destacam que as unidades de informação são essenciais para a interação social, mediação da informação e circulação do conhecimento, promovendo a socialização da informação e a construção de uma sociedade inclusiva. Essas unidades devem ser vistas não apenas como espaços físicos para acesso a materiais, mas como ambientes abertos, de convivência e transformação da informação, formando um circuito contínuo de troca de saberes.

A partir da perspectiva da encruzilhada elemento central das cosmologias afro-brasileiras, especialmente associado à figura de Exu, esses espaços heterogêneos se revelam como pontos de interseção de saberes, práticas e experiências. Neles, a informação não apenas circula, mas se reinventa a partir dos encontros, dos conflitos e das negociações culturais. Assim, as unidades de informação tornam-se encruzilhadas simbólicas e reais, territórios informacionais plurais nos quais diferentes epistemologias convivem e se articulam, contribuindo para o alargamento dos horizontes da Ciência da Informação e para a construção de uma sociedade mais diversa e equitativa.

5 A INFORMAÇÃO EM MOVIMENTO: A ENCRUZILHADA COMO HORIZONTE EPISTEMOLÓGICO

Antes de adentrarmos os conceitos centrais desta seção, é necessário apresentar criticamente dois aspectos fundamentais da

narrativa histórica: primeiro, reconhecer que a ciência não é neutra e que, para pensarmos sua função social, precisamos compreender as dinâmicas de poder que atravessam a produção e a circulação do conhecimento, independentemente do tempo e do espaço em que ele é formulado (Lorde, 2019; Mathiesen, 2015). Em segundo lugar, é imprescindível desnaturalizar a visão de mundo imposta pela modernidade ocidental, que transformou a colonização em uma estratégia de invenção, dominação e exploração do que passou a ser chamado de “novo mundo”.

A encruzilhada, nesse sentido, emerge como uma poderosa metáfora e lugar informacional que tensiona essas narrativas hegemônicas. No contexto da religiosidade afro-brasileira, ela é um ponto ambíguo: pode marcar tanto o início, quanto o fim de um percurso, o fluxo ou seu bloqueio. “Nesse mesmo local que se deve começar a vida, existe o perigo de se bloquear o fluxo.” (Santana Junior, 2018, p. 252). É a partir desse espaço que podemos reimaginar os caminhos da informação como atravessamentos históricos, epistemológicos e políticos.

Na encruzilhada, os conhecimentos não são abstratos ou neutros, mas incorporados, vivos e insurgentes. Como afirma Rufino (2019, p. 9), “[...] os conhecimentos são como orixás, forças cósmicas que montam nos suportes corporais, que são feitos cavalos de santo; os saberes, uma vez incorporados, narram o mundo através da poesia, reinventando a vida enquanto possibilidade”. Nesse sentido, pensar a informação a partir da encruzilhada nos leva a enxergar não apenas uma rede de caminhos, mas um território onde

saberes ancestrais, experiências e práticas insurgentes se encontram, resistem e se atualizam.

A pedagogia informacional das encruzilhadas nos ensina que aprender é escutar, transitar, negociar sentidos e lidar com a ambivalência. Ela propõe uma ética do movimento, da escuta atenta e da reciprocidade, onde o saber não é fixo, mas se transforma conforme os encontros, os conflitos e os afetos que ocorrem entre diferentes modos de conhecer. Aprendemos com a encruzilhada que o conhecimento não se dá em linha reta, mas em zigue-zagues, curvas e retornos.

A encruzilhada, ao se afirmar como espaço informacional, nos permite entender outros espaços como terreiros, quilombos, bibliotecas comunitárias, centros culturais, rodas de conversa, feiras, cozinhas, ruas e praças como verdadeiras unidades de informação, onde saberes circulam, são compartilhados e reinventados coletivamente. Assim, amplia-se nossa compreensão do que é um espaço informacional, deslocando-o do campo técnico-burocrático para o campo simbólico, relacional e sensível.

A colonização como nos lembra Mignolo (2017) não foi uma descoberta heroica, mas uma invenção geopolítica e epistemológica, sustentada por narrativas de progresso e universalismo. A América, nesse processo, “[...] não era uma entidade existente para ser descoberta. Foi inventada, mapeada, apropriada e explorada sob a bandeira da missão cristã” (Mignolo, 2017, p. 4). O próprio calendário brasileiro, ao comemorar o 22 de abril como “descobrimiento”, legitima um epistemicídio histórico. Ailton Krenak (2019, p. 11) ironiza o projeto civilizatório eurocêntrico, afirmando que “[...] a ideia

de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida.”

A encruzilhada, portanto, funciona como um lugar de denúncia e de reconexão com epistemes apagadas. É ali que se cruzam caminhos informacionais esquecidos pela história oficial, mas vivos nas oralidades, nos corpos e nas práticas culturais que resistem. Como destaca Martins (2003), ela é um espaço radial de intersecções, cisões, convergências e rupturas, oferecendo uma chave para interpretar o movimento sistêmico e epistêmico de múltiplas culturas.

Com a pedagogia das encruzilhadas, aprendemos que a informação não é apenas algo a ser transmitido, mas um processo coletivo de criação, partilha e reinvenção. Esse modelo rompe com a lógica vertical do ensino e propõe uma horizontalidade radical, onde todas as vozes importam e onde os saberes circulam com liberdade e respeito à diversidade. Nesse fluxo, o silêncio, a pausa, o corpo e o território também são fontes legítimas de conhecimento.

Ao entendermos a encruzilhada como lugar informacional, desafiamos também as estruturas de conhecimento consolidadas a partir da colonialidade do saber, conceito elaborado por Quijano (2010), que denuncia como a colonização classificou populações racialmente e hierarquizou os saberes. A imposição da escola, da catequese, da moral europeia, como descrevem Bittar e Ferreira Júnior (2017), teve como objetivo romper com as epistemes indígenas e negras, promovendo um processo violento de apagamento cultural. Ainda hoje a alfabetização é vivida por muitas crianças como um processo de imposição. Como relata Ailton Krenak

no livro “Encontros: Ailton Krenak” organizada por Cohn (2015): “É uma formação que não atende à expectativa delas como seres humanos e que violenta sua memória” (Cohn, 2015, p. 86).

A pedagogia informacional das encruzilhadas convida a uma aprendizagem que escape ao controle institucional. Ela reconhece que o saber nasce do chão, das histórias de vida, dos afetos e das ancestralidades. Ensina que educar é partilhar caminhos e não impor destinos. Por isso, ela é incompatível com currículos fechados e com a ideia de um conhecimento único e verdadeiro (Rufino, 2019).

A encruzilhada desafia o paradigma tradicional ao valorizar o saber como experiência incorporada, como canto, convivência e prática cotidiana. Esse espaço torna-se uma ferramenta de resistência contra o racismo epistêmico, entendido por Silva (2020) como uma das engrenagens do privilégio branco no campo do conhecimento. A ciência eurocentrada, ao invisibilizar outros saberes, consolidou uma lógica de exclusão intelectual. Os estudos decoloniais, como os de Duque Cardona (2020), buscam desconstruir essa lógica, promovendo a interculturalidade e a justiça epistêmica.

Na encruzilhada, enfim, cruzam-se todos os tipos de fontes de informação e de caminhos possíveis. Ela é o espaço onde se pode sonhar, construir, disseminar, reviver e resistir. Lugar de múltiplas vozes, ela nos oferece a chance de redescobrir os mundos silenciados e de transformar informação em conhecimento vivo, mesmo diante das tentativas de apagamento. É na pedagogia informacional da encruzilhada que encontramos uma proposta ética e política de educação que reconhece a pluralidade de informações, dos saberes,

a potência das ancestralidades e a urgência de novos modos de aprender e existir.

6 EXU COMO PARADIGMA INFORMACIONAL: O ORIXÁ QUE COMUNICA MUNDOS

Entender Exu é fundamental para ampliar os horizontes epistemológicos da Ciência da Informação, especialmente quando buscamos construir um campo mais plural, decolonial e sensível às epistemologias do sul. Exu, enquanto orixá da comunicação, da mediação e da encruzilhada, nos oferece uma poderosa metáfora e mais que isso, um arcabouço simbólico e filosófico para pensar os fluxos informacionais, os atravessamentos culturais, as ambiguidades dos significados e a mediação entre diferentes mundos e saberes.

A encruzilhada, espaço simbólico regido por Exu nas religiões de matriz africana, oferece uma chave para compreender a informação em sua pluralidade de sentidos e caminhos. Exu, o mais humano dos orixás, é senhor da comunicação, das palavras e dos encontros, atuando como mensageiro entre mundos e agentes. Sua ação comunicadora é libertadora e criativa: “Exu é o princípio dinâmico fundamental a todo e qualquer ato criativo. Elemento responsável pelas diferentes formas de comunicação, é ele o tradutor e linguista do sistema mundo” (Simas; Rufino, 2018, p. 21).

Na cosmovisão iorubana e nas religiões afro-brasileiras, Exu é mais que mensageiro: é o próprio movimento da mensagem, possibilitando a circulação do conhecimento e os encontros. Essa atuação ressoa com temas centrais da Ciência da Informação, como mediação, acesso e organização do saber. Exu é princípio vital e comunicador por excelência, cuja força, segundo Sodré (2017), reside

na boca que tudo consome, fazendo dele o grande mensageiro dos orixás e dos mundos (Alexandre, 2023).

Ao se manifestar nas ruas com seus símbolos, ele atua como arauto do sagrado. Sua comunicação é ambígua, pois, como observa Pemberton III (1981), muitas vezes o ser humano vê e não vê, ouve e não ouve, destacando o caráter liminar e enigmático dessa divindade. Exu ocupa um papel central no sistema cosmológico iorubano, sendo o mediador entre o mundo visível (ayé) e o invisível (orùn). Sua função como intermediário o torna imprescindível na circulação dos princípios fundamentais da existência (Alexandre, 2023).

Compreender Exu como princípio informacional abre espaço para reconhecermos outros lugares — como as encruzilhadas, os mercados, os terreiros, as ruas — como verdadeiras unidades de informação, onde o saber não está apenas armazenado, mas em constante negociação, movimento e transformação. Essa perspectiva desafia os paradigmas eurocentrados que, por muito tempo, limitaram a informação a suportes fixos e instituições formais.

Exu é peça-chave no ato criativo de informar, atuando como mediador, fonte, canal e, por vezes, a própria informação. “As mentalidades que buscam interditá-lo [...] invisibilizam um vasto repertório de sabedorias” (Simas; Rufino, 2018, p. 21). Nos ojàs, mercados tradicionais africanos, é regente das trocas simbólicas e da comunicação (Flor do Nascimento, 2016), exercendo um papel coletivo e relacional, pois sua ação comunicativa depende do funcionamento da comunidade (Alexandre, 2023).

Mais que mensageiro, Exu é o próprio movimento da comunicação, simbolizando o fluxo, a escolha e a travessia na encruzilhada (Alexandre, 2023). Brincalhão, sagaz e mediador, ele atua entre os orixás e os humanos para responder a necessidades informacionais por meio da palavra. “Exu anda com as palavras [...] vive (n)as palavras, como vive (n)as ruas, (n)as encruzilhadas, (n)os caminhos” (Nascimento, 2018, p. 9), fazendo da linguagem sua ferramenta de mediação, memória e criação de saberes.

Exu, também conhecido como Elebó — senhor do Ebó —, leva as oferendas aos orixás, restabelecendo a ordem e garantindo a fluidez entre os mundos (Sousa Júnior, 2018; Alexandre, 2023). Ao mediar e transmitir informações, ele possibilita aos sujeitos compreenderem os orixás, os caminhos e o futuro. Para Exu, “[...] estar na encruzilhada significa estabelecer relações de ida e vinda [...] olhar o mundo de ponta-cabeça” (Silva, 2015, p. 107), e é nesse olhar invertido que encontramos informações que conectam saber, memória, ancestralidade e sentido à vida: “A encruza [...] é lugar de principiar as coisas” (Silva, 2019, p. 34).

Portanto, incluir Exu no repertório teórico da Ciência da Informação é uma forma de reconhecer os saberes ancestrais afro-brasileiros como legítimos e fundamentais para compreender como a informação é vivida, compartilhada e construída nas margens, nos fluxos e nos encontros. É também uma maneira de reivindicar uma ciência da informação encruzilhada, ou melhor, uma Exuzilhada da Informação — onde a pluralidade de vozes, caminhos e sentidos não é ruído, mas potência.

7 EXUZILHAR É PRECISO: POR UMA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DIVERSA E DECOLONIAL

A seção Exuzilhar a informação é insurgir contra os limites impostos pela colonialidade do saber. De acordo com Silva (2020, p. 117), exuzilhar é um “[...] verbo-neologismo criado por Cidinha da Silva, em 2010, que faz referência aos caminhos percorridos por Exu, suas encruzilhadas, um cronótopo capaz de fundamentar uma ética e uma estética alternativas às criadas pelo Ocidente.”

Assentar a informação numa Exuzilhada é reconhecer que ela circula em múltiplas direções e por diversos suportes, inclusive e especialmente fora dos espaços formalizados pela academia ou pelas instituições hegemônicas. Como ensinam Sodré (2017) e Rufino (2019), o conhecimento é vivo, encarnado, incorporado — ele dança, canta, se move, atravessa os corpos e os territórios. Os saberes, como os orixás, “[...] montam nos suportes corporais” (Rufino, 2019, p. 9) e, nesse gesto, reinventam o mundo como possibilidade.

Essa visão desafia o mito da neutralidade científica. Audre Lorde (2019) já alertava que “[...] as ferramentas do senhor não desmontarão a casa-grande”. Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Carla Akotirene (2018) denunciam os efeitos do racismo epistêmico nas estruturas de produção do conhecimento, revelando como epistemologias negras, indígenas e periféricas foram deslegitimadas em nome de uma racionalidade eurocentrada. Nesse cenário, exuzilhar a informação é reverter a lógica da exclusão epistemológica, reconhecendo outros modos de saber e de existir.

Para tornar visíveis essas contribuições, elaboramos o Quadro 1 com base nos dados teóricos sistematizados ao longo desta pesquisa.

As dimensões analisadas no quadro correspondem a categorias estruturantes do campo da Ciência da Informação, tradicionalmente mobilizadas para definir o que é informação, onde ela se localiza, como circula e sob quais fundamentos epistemológicos é legitimada. Ao tensionar as noções de fontes de informação, ambientes informacionais, mediação, epistemologia subjacente e função da informação, o quadro propõe um deslocamento paradigmático: da centralidade documental e institucional para uma perspectiva relacional, situada e cosmológica. Trata-se, portanto, de uma reconfiguração analítica que não apenas amplia o escopo conceitual da informação, mas também questiona os critérios de validade e reconhecimento do saber, inserindo no debate epistemologias historicamente marginalizadas.

Quadro 1 – Contribuições da metáfora da encruzilhada e da figura de Exu para a ampliação do conceito de informação

Dimensão Analisada	Concepção Tradicional (hegemônica)	Proposta a partir da Encruzilhada e de Exu
Fontes de Informação	Documentos escritos, bases de dados, acervos físicos ou digitais	Corpos, oralidades, cantos, danças, grafites, culinárias, rezas, ervas, práticas rituais, memes, entre outros
Ambientes Informacionais	Bibliotecas, arquivos, museus e centros de informação institucionais	Terreiros, praças, feiras, quilombos, aldeias, rodas de conversa, mercados, cozinhas, ruas, centros culturais, entre outros.
Mediação da Informação	Técnica, formal e orientada por critérios acadêmico-científicos	Relacional, ancestral, sensível, afetiva, situada e vinculada a contextos comunitários
Epistemologia Subjacente	Eurocentrada, binária, racional e documental	Decolonial, plural, rizomática, corporal e cosmológica
Função da Informação	Resposta a demandas objetivas e funcionais	Transformação, resistência, reconexão com saberes apagados, justiça cognitiva

Fonte: Elaboração própria/dados da pesquisa (2025).

A análise dos dados apresentados neste quadro evidencia que a metáfora da encruzilhada e a presença de Exu como figura epistêmica rompem com a rigidez categorial e funcionalista que ainda persiste no campo informacional. Ao invés de tratar a informação como dado neutro, armazenado em suportes fixos, propõe-se compreendê-la como fluxo vivo, territorializado, situado e ancestral. A fonte informacional, portanto, não está apenas no livro ou na base de dados, mas também no corpo que dança, na boca que canta, na folha que cura, no gesto que ensina.

Além disso, os ambientes informacionais se ampliam para além das instituições formais. Terreiros, feiras, rodas de conversa e quilombos passam a ser reconhecidos como unidades legítimas de produção, mediação e circulação do saber. Exu, senhor da comunicação, do movimento e da ambiguidade, atua como símbolo dessa travessia epistêmica: ele conecta mundos, tensiona fronteiras e anuncia caminhos múltiplos de escuta e criação.

Exuzilhar, nesse sentido, é convocar uma Ciência da Informação em movimento, que se desloque dos centros para as margens, dos arquivos para as ruas, das normas para a convivência. É aceitar que a informação não segue uma linha reta, mas sim curvas, desvios e retornos. Como aponta o aforismo nagô, “Exu matou um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje” — ou seja, ele tem o poder de reescrever o passado com os gestos do presente.

Por isso, exuzilhar a informação é um chamado à decolonização radical do conhecimento. É fazer da encruzilhada não um lugar de dúvida, mas um território fértil de reinvenção, onde podem caber todos os mundos. A Ciência da Informação, ao incorporar essas

epistemologias outras, compromete-se com uma ética do encontro, com uma estética da pluralidade e com uma política da escuta. Exu, nesse caminho, não apenas orienta: ele transforma.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa demonstrou que a metáfora da encruzilhada e a figura de Exu oferecem uma potente chave epistêmica para repensar os fundamentos da Ciência da Informação, a partir de uma perspectiva decolonial. Ao propor uma Exuzilhada da Informação, o artigo evidencia que saberes ancestrais, populares, afro-brasileiros e indígenas historicamente deslegitimados constituem fontes e ambientes informacionais legítimos e transformadores.

Os resultados indicam que olhar para a informação a partir da encruzilhada amplia significativamente os horizontes epistemológicos do campo da Ciência da Informação, ao reconhecer a existência de múltiplas formas de mediação, circulação e produção do saber que não se enquadram nos moldes institucionais tradicionais. Exu, como orixá da comunicação, da ambivalência e do movimento, simboliza a transgressão das fronteiras fixas do conhecimento, operando como mediador entre mundos, linguagens e experiências.

Nesse contexto, exuzilhar a informação é um gesto ético, político e metodológico que convida à ruptura com a lógica binária e hierarquizante da modernidade ocidental. Conclui-se que uma Ciência da Informação comprometida com a justiça cognitiva deve escutar os territórios silenciados, legitimar saberes periféricos e reinventar seus próprios fundamentos, abrindo-se para outras epistemologias que emergem das encruzilhadas do saber. Nesse sentido, alinha-se para

pesquisas futuras, recomenda-se o aprofundamento da noção de sujeito informacional em contextos não hegemônicos, bem como o fortalecimento do diálogo interseccional com áreas como os estudos culturais, a antropologia, a filosofia africana e a educação popular. Exuzilhar é preciso e urgente.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

ALEXANDRE, C. **Exu-mulher e o matriarcado nagô**: sobre masculinização, demonização e tensões de gênero na formação dos candomblés. Rio de Janeiro: Aruanda Editora, 2023.

ALVES, F. M. M.; SANTOS, B. A. Fontes e recursos de informação tradicionais e digitais: propostas internacionais de classificação. **Biblios**, Peru, n. 72, p. 35-50, 2018. Disponível em: http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1562-47302018000300003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 20 abr. 2025.

BITTAR, M.; FERREIRA JUNIOR, A. A pedagogia brasílica nos primeiros tempos da colonização: escolas de ler e escrever, teatro, música e ensino de artes mecânicas. **Revista IRICE**, Rosario, n. 32, p. 13-38, 2017.

COHN, S. (Org.). **Ailton Krenak**. Rio de Janeiro: Azougue, 2015. (Série Encontros.)

CUNHA, M. B. **Para saber mais**: fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2001.

DUQUE CARDONA, N. ¿Ciencia de la información para qué y para quién? Aproximación a los paradigmas de la ciencia de la información en el contexto universitario. *In*: CARDONA, N. D; SILVA, F. C. G da. **Epistemologias latino-americanas na biblioteconomia e ciência da informação**: contribuições da Colômbia e do Brasil. Florianópolis: Rocha; Selo Nyota, 2020. p. 45-71.

FLOR DO NASCIMENTO, W. Olojá: Entre encontros - Exu, o senhor do mercado. **Das Questões**, [S./], v. 4, n. 1, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3llHcup>. Acesso em: 16 mar. 2021

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

LE COADIC, Y. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2004. 124 p.

LORDE, A. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MARTINS, L. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, Santa Maria, v, 25, p. 63-81, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>. Acesso em: 07 abr. 2025.

MATHIESEN, Kay. Informational justice: A conceptual framework for social justice in library and information services. **Library Trends**, [s./], v. 64, n. 2, p. 198-225, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1353/lib.2015.0044>.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, 2017.

MOREIRO, J. A. **Introducción al estudio de la información y la documentación**. Medellín: Universidad de Antioquia, 1998.

NASCIMENTO, W. F. Prefácio: Exuzinhando a memória. In: SILVA, C. **Um Exu em Nova York**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018. p. 9-12.

PEMBERTON III, J. Pair of figures for Eshu. In: VOGEL, Susan (ed.). **For spirits and kings**: African art from the Paul and Ruth Tishman Collection. New York: Metropolitan Museum of Art, 1981. p. 98-99. Disponível em: <https://bit.ly/37RjhwW>. Acesso em: 8 abr.2025.

POMPEU, Â. L. **Modelo para unidade de informação em organizações de pesquisa e sua contribuição para a utilização de tecnologia**. 1976. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Rio de Janeiro, 1976.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. *In*: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130.

RIBAS, C.; ZIVIANI, P. O profissional da informação: rumos e desafios para uma sociedade inclusiva. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 17, n. 3, p. 47-57, set./dez. 2007.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

RUSSO, M. **Fundamentos de biblioteconomia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

SANTANA JUNIOR, H. M. Encruzilhadas epistemológicas: “Acertando o Conhecimento europeu ontem com uma pedra que atirei somente hoje”. **Odeere**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB, Jequié, v. 3, n. 6, p.251-268, jul./dez., 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/4423>. Acesso em: 05 abr. 2021.

SANTOS, A. B. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SILVA, E. C. Geografias negro-lésbicas em Cidinha da Silva. **Brasil/Brazil**, [s./l.], v. 33, n. 61, p. 113-123. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/brasilbrazil/article/view/103526>. Acesso em: 09 abr. 2025.

SILVA, C. **Exuzilhar**: melhores crônicas de Cidinha da Silva. São Paulo: Kuanza Produções, 2019.

SILVA, V. G. **Exu**: o guardião da casa do futuro. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

SILVEIRA, S. M.; MOURA, M. A. Scripts de atendimento em call centers: uma visão de documentos eletrônicos. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 15, n. 29, p. 145-168, 2010.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Fogo no mato**: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SODRÉ, M. **Pensar nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SOUSA JÚNIOR, V. C. **Corujebó**: candomblé e polícia de costumes (1938-1976). Salvador: EDUFBA, 2018.

TARAPANOFF, K.; ARAÚJO JÚNIOR, R. H.; CORMIER, P. M. J. Sociedade da informação e inteligência em unidades de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 29, n. 3, p. 91-100, set./dez. 2000.

VIEIRA, D. C.; ARDIGO, J. D. Paradigmas da biblioteconomia e ciência da informação: estudo de caso em uma unidade de informação especializada. **Revista ABC**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 124-137, jan./abr. 2015.

ZANINELLI, T. et al. O conceito de unidades de informação: uma revisão sistemática na Ciência da Informação. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 593-608, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/42562>. Acesso em: 03 mar. 2025.

LICENÇA DE USO

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob [Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](#) (CC BY 4.0).

PUBLISHER

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EQUIPE EDITORIAL

Martha Suzana Cabral Nunes, Maria Cleide Rodrigues Bernardino, Franciéle Carneiro Garcês da Silva.

COMO CITAR

SANTOS, Bruno Almeida dos; LUBISCO, Nídia Maria Lienert; BRITO, Jean Fernandes. Entre percursos e conhecimentos: Exu, a encruzilhada e a decolonização da informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira e Ciência da Informação**, São Paulo, v. 19, p. 1-25, jan./jun. 2026.